

Almanaque do **Futuro**

EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Experiencia motivadora No. 4



**Produzir
com a floresta**



Castanheira na floresta amazônica

A gestão de parcelas com sistemas agroflorestais exige convicção e um contínuo trabalho de cuidados. A situação em que os pioneiros produtores de sistemas agroflorestais amazônicos vivem atualmente demonstra que eles vivem bem, produzindo com a floresta e sem a necessidade de continuar a queimar vegetação. Mas esses casos, caracterizados por uma visão clara da gestão e coexistência sustentáveis, ainda são minoria antes das majorias, que trabalham com lógicas de curto prazo.

A vida na e com a floresta

Manuel Tananta vive com sua esposa Matilde Muñoz e sua família na comunidade 26 de Outubro, na zona periférica rural do município de Riberalta, em plena Amazônia Boliviana. Manuel chegou a esta área há 28 anos e faz parte das 8 famílias que fundaram a comunidade. Agora, mais de 60 famílias vivem no setor. Para cada família há uma área de 50 hectares de floresta amazônica e, desde alguns anos atrás, as famílias receberam títulos de propriedade desta terra; por serem títulos comunais, a terra não pode ser vendida, apenas retornada à comunidade. Quando jovem, Manuel trabalhou na coleta de goma, uma atividade extrativista importante na Amazônia que posteriormente foi substituída pela

colheita da castanha. Nem todas as famílias eram tão familiarizadas com a floresta como Don Manuel no momento de seu assentamento. Algumas famílias migraram de regiões altas, acostumadas a outro tipo de agricultura. “Os primeiros anos”, lembra Manuel, “não foram fáceis já que a preparação da terra nesta região é um trabalho árduo, e o rendimento das culturas de arroz, milho, banana e mandioca baixam a partir do terceiro ano”. As famílias, a cada três anos precisam recuperar a terra, repetindo o processo de destruição e queima da plantação (processo conhecido como “chaco”) para garantir sua subsistência e a venda dos poucos excedentes.



Queimada na Amazônia: derrubar a vegetação com o machado e secá-la para logo queimá-la



Manuel Tananta em uma de suas parcelas agroflorestais

Semeando a floresta

Há 15 anos atrás, Manuel começou planta árvores frutíferas como cupuaçu, castanha, tangerina e cacau, entre outros, em suas terras. A formação de áreas agroflorestais é lenta. Durante os primeiros anos, as árvores estão em pleno desenvolvimento sem dar frutos, mas é necessário fazer até três limpezas da terra por ano, além da poda e controle de pragas. Don Manuel estava convencido desde o início, persistiu no trabalho e conta que “a maioria das famílias não aguentava”, abandonando suas áreas agroflorestais e dedicando-se novamente ao chaco.

Há vários anos, Manuel e sua família vivem da produção de seis parcelas agroflorestais, onde Manuel trabalha com a ajuda de seu filho Ariel. No método tradicional há, em média, dois castanheiros por hectare. Manuel Tananta, graças à sua gestão agroflorestal, agora administra 400 castanheiros, plantados há mais de dez anos e que já estão carregados de frutos. O aproveitamento de árvores de cupuaçu se deu a partir do terceiro ano. “As árvores de castanha plantadas são minha proteção para o resto dos meus dias”, diz Manuel enquanto explica o que está em suas áreas agroflorestais.

Acesso ao mercado

A gestão florestal a partir de sistemas agroflorestais é lucrativa, em termos econômicos, além de amigável em termos ambientais e sociais; desde que exista um mercado para os produtos. A castanha é um dos pilares da economia regional amazônica, mas em relação ao cupuaçu e outras frutas palmeiras como o açaí e o majo, no início não havia mercado ou infraestrutura para seu processamento. A ONG IPHAE (Instituto para o Homem, Agricultura e Ecologia), sócio da Misereor, assessorando os produtores agroflorestais como Manuel Tananta nas comunidades camponesas e povoados indígenas da província de Vaca Díez e do departamento de Pando, propôs em 2003 a ideia de formar a APPAA (Associação de Produtoras e Produtores Agroflorestais Amazônicos), que aglutina os pioneiros da agroflorestais da província. Logo depois, nasceu uma segunda associação, a APAE (Associação de Produtores Agroflorestais Ecológicos) que agrupa os produtores de Pando. As duas organizações, apoiadas pelo IPHAE, criaram a Empresa Processadora e Comercializadora Madre Tierra Amazonía S.R.L. A empresa, com sede em Riberalta, processa várias frutas dos sistemas agroflorestais amazônicos (açaí, majo, tamarindo e, principalmente, cupuaçu) e atinge um volume de até 10 toneladas de matéria-prima por colheita, despachando a polpa refrigerada nos mercados locais em Riberalta, regionais (Guayaramerin, Trinidad) e também nos das principais cidades do país (La Paz, Santa Cruz, Cochabamba).

Reunidos, alguns sócios das associações e da empresa indicam que o cupuaçu, graças à Madre Tierra Amazonía SRL, tornou-se um item eco-



Testemunhos de Don Manuel Tananta

“Desde a minha juventude, fui adquirindo carinho pelas plantas, isso me ajudou a ter hoje plantações de castanheiros em idade produtiva. O que planejei e plantei há mais de duas décadas, está se tornando uma realidade; é meu futuro garantido.”

Manuel está convencido de que todas as árvores desempenham um papel importante: “por exemplo o Kudzu e o Patuju mantêm a umidade no solo; as palmeiras além de manter a umidade atraem os pássaros”.

“Deve haver consenso na família no momento de iniciar um projeto agroflorestal; como a produção é de longo prazo, a possível divergência entre marido e mulher causa uma má gestão do sistema e o seu abandono”.

“Minha felicidade é viver em minha família no campo (marido, esposa, filhos e filhas), sem buscar uma TV, um celular ou uma motocicleta de alto custo”.



nomicamente importante e complementar à colheita de castanha. Don Christian Noco, da APPAA, vive de suas áreas agroflorestais e já não pratica mais o chaco. Don Saúl García, presidente da APAE, conta que “nem para a instalação das minhas áreas agroflorestais eu queimei a floresta, escolhendo abrir trilhas para plantar as árvores”. Os participantes na reunião concordam que “a gestão agroflorestal é rentável, mas absorve muito trabalho; há muitos produtores que queriam viver de suas áreas agroflorestais, mas são poucos que superaram sua visão de curto prazo de fazer o chaco, e realizam a queimada todos os anos”.

A proposta de trabalho que o IPHAE vem desenvolvendo, em muitos casos através da Madre Tierra Amazonía SRL., baseou-se no uso e agregação de valor dos produtos naturais ainda disponíveis para comunidades rurais e implementados por famílias de produtores; e na integração ao mercado as organizações de pequenos produtores agroextrativistas, através da prestação de assistência técnica e de formação, informação e promoção para o mercado.

A experiência do IPHAE e da Madre Tierra Amazonía SRL, durante esses anos criando acesso aos mercados de produtos sustentáveis, mostrou que o grande desafio na região amazônica para acessar mercados e desta forma, gerar emprego e renda para produtores organizados, é tanto a falta de formação de recursos humanos como a de promoção dos produtos sustentáveis da Amazônia.

MADRE TIERRA AMAZONIA S.R.L.

PULPAS DE:
- CUPUAZÚ,
- ASAI, MAJO,
- TAMARINDO Y OTROS.



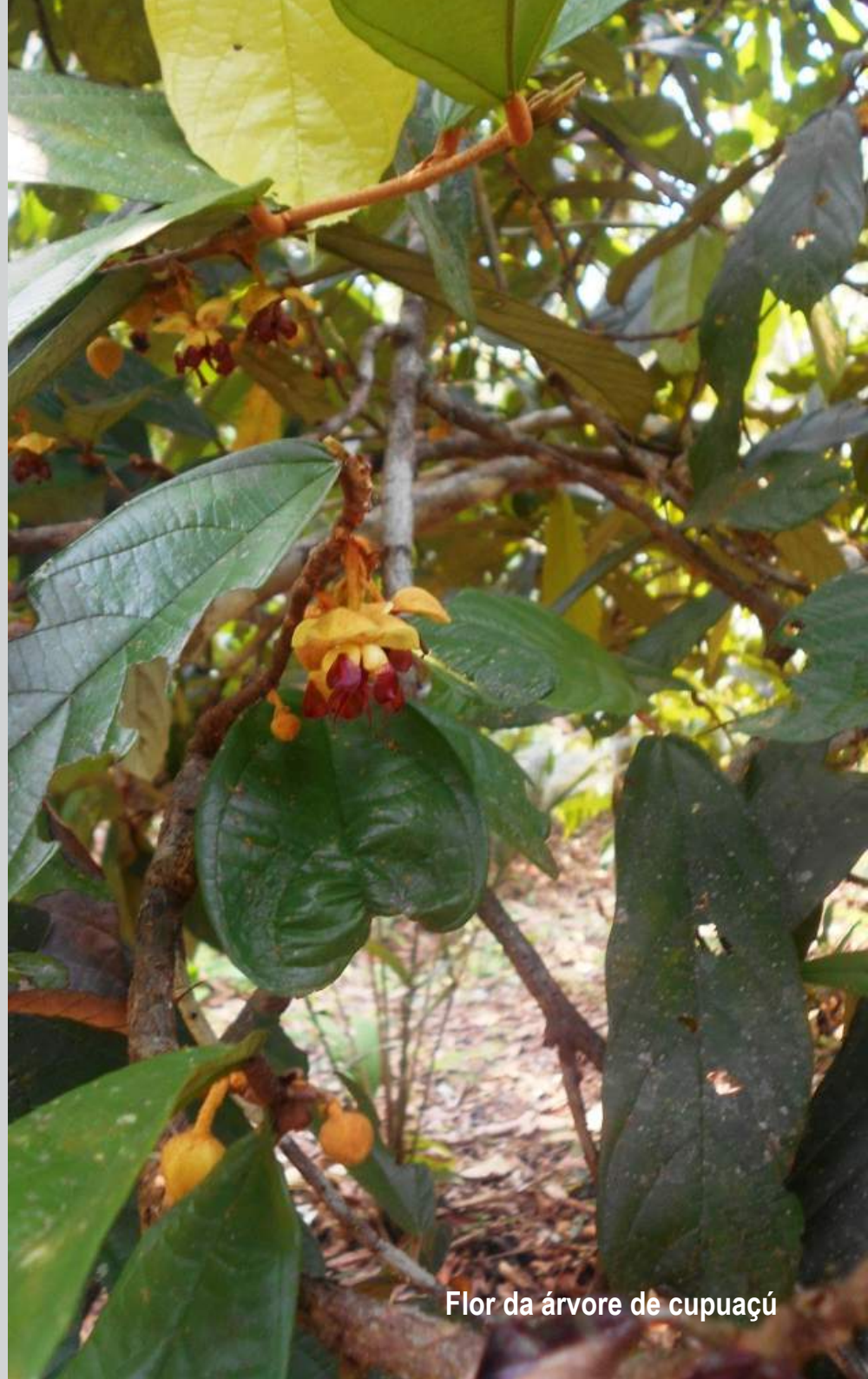
PRODUCTOS
DEL CUPUAZÚ
(MERMELADA,
VINO Y LICOR)

Telefono: 591 (3) 852_3269
Email: madretierraamazonia.riberalta@gmail.com

Desafios identificados a partir da APPAA, APAE, IPHAE e Madre Tierra Amazonía SRL

- Mecanização dos trabalhos da colheita (limpeza das áreas), alcançando com três jornadas o que atualmente leva até dez jornadas; há primeiras iniciativas públicas de fomento nesta direção.
- Os sistemas agroflorestais ainda não alcançaram o reconhecimento social uma vez que se trata de algo novo.
- Há muito poucos jovens que preferem dar continuidade à gestão agroflorestal de seus pais, migrando para a cidade; a vida nas comunidades poderia tornar-se mais atraente se contasse com eletricidade e maior conforto.
- O Estado prioriza lógicas e visões extrativas e imediatistas (de curto prazo); o enfoque agroflorestal ainda não atingiu um impacto acentuado no imaginário das entidades públicas.
- As áreas agroflorestais que podem ser acessadas por um produtor é reduzida e é necessário mais rigor no trabalho das parcelas para alcançar o aumento da produção do cupuaçu (hoje a média é de 10 quilogramas de fruta / peso bruto quando há referências no Brasil de produtores que alcançam até 40 quilos).
- A Madre Tierra Amazonía SRL trabalha com um custo muito alto de energia devido às câmaras de refrigeração, uma situação que poderia mudar se a empresa investisse na auto-suficiência energética com base na energia solar.

(Durante uma reunião em setembro de 2015 em Riberalta)



Flor da árvore de cupuaçu

Mensagens para o futuro

- A floresta amazônica, ao não ser percebida como obstáculo, se constitui em uma base de sustento e desenvolvimento.
- O aproveitamento agroflorestal familiar é compatível com o ecossistema amazônico sem gerar externalidades ambientais ou sociais.
- É decisiva a visão de um desenvolvimento holístico que substitua o curto prazo pelo “viver bem em harmonia com a Mãe Terra” na Amazônia.

Texto: O texto foi elaborado, baseado em conversações in loco, por Jorge Krekeler, assessor de Miseror e consensuado com as pessoas visitadas. Agradecemos, em representação, a Manuel Tananta, Vladimir Yosida, Saúl García, Cristian Noko e Rodolfo Canamari das associações APPAA e APAE, além de Fortunato Angola e Germán Chapi do IPHAE e Alceu Gonçalves da Madre Tierra Amazonía SRL.

Frutos da árvore de cupuaçú

Almanaque do Futuro

Autor: **Jorge Krekeler**, jorge.krekeler@scbbs.net assessor de Misereor

Tradução: **Pedro P. Bocca**

Design: **Diana Patricia Montealegre** / Fotografias: **Jorge Krekeler**

Dados de contato sobre a experiência documentada:

Fortunato Angola, email: iphae_riberalta@yahoo.com

Madre tierra Amazonia

madretierraamazonia_riberalta@yahoo.com

Edição: outubro de 2015

Toda reprodução autorizada citando a fonte

Com o apoio de:

MISEREOR
IHR HILFSWERK